

**“FUI ASSEDIADA NO  
TRABALHO, MAS EU NÃO  
COMPREENDIA (...) EU TINHA  
UM COMPROMISSO A MAIS,  
QUE ERA DE CUIDAR DA  
MINHA AVÓ, CUIDAR DOS  
MEUS ESTUDOS E CUIDAR DE  
UMA CRIANÇA. EU QUERIA QUE  
MEU FILHO NASCESSE BEM  
SAUDÁVEL, PARA, DE CERTA  
FORMA, NÃO MUDAR MUITO A  
MINHA ROTINA. PORQUE,  
AGORA, IMAGINA VOCÊ COM  
UM FILHO DOENTE, MUDA  
TODA A SUA ROTINA. A  
ROTINA DE MAMÃE,  
ENTENDE?”**

**- MUYRAKITAN**

## VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS PENOSAS E RESISTÊNCIAS: A DIFÍCIL TRAJETÓRIA DE UMA MULHER | ENTREVISTA COM MUYRAKITAN<sup>1</sup>

*EXPERIENCES, HARMFUL EXPERIENCES AND RESISTANCE: A WOMAN'S DIFFICULT PATH | INTERVIEW WITH MUYRAKITAN*

Alberto João Nhamuche<sup>2</sup>  
Maria Manuel Baptista<sup>3</sup>  
Hélia Bracons Carneiro<sup>4</sup>

**Resumo:** esta entrevista relata a penosa trajetória de uma mulher com infância misteriosa devido à condição do seu nascimento. Resultado de uma gravidez indesejada e de um relacionamento “extraconjugal”, Muyrakitan, atualmente professora e mestranda de uma universidade pública no Brasil, partilha momentos escuros e de superação na sua vida, que incluem assédio no trabalho, além da fadiga causada pela sua responsabilidade tridimensional. Os seus depoimentos, que colhemos, por meio de entrevista semiestruturada, apontam que ela teve de se (re)inventar no sentido de cuidar da avó, da escola e do filho.

**Palavras-chave:** Mulher; Assédio sexual; Maternidade; Resistência

**Abstract:** This interview tells the painful journey of a woman with a mysterious childhood due to the condition of her birth. Result of an unwanted pregnancy and an “extramarital” relationship, Muyrakitan, currently a professor and master’s student at a public university in Brazil, shares dark and overcoming moments in her life, which include harassment at work, in addition to the fatigue caused by her three-dimensional responsibility. Her statements, which we collected through semi-structured interviews, indicate that she had to (re)invent herself in order to take care of her grandmother, school and her son.

**Keywords:** Woman; Sexual harassment; Maternity; Resistance.

**Alberto João Nhamuche (AJN):** Pode falar sobre do seu percurso da vida: da infância até se tornar profissional.

**Muyrakitan (M):** O que minha avó me contou foi algo assim: a gestação dela [minha mãe] não foi tranquila, porque sou fruto de uma relação que não durou muito tempo. Então, por esse motivo, eu soube de certas situações que minha mãe desejava fazer, como por exemplo, interromper a gravidez. E por ela não conseguir, não sei pelo qual motivo, eu tive esse conhecimento, assim, que ela não conseguiu interromper a gravidez. Ela me deu, ainda no ventre dela, né! Já estava assim, se sáisse da maternidade, não sairia no colo dela, sairia no colo de uma outra pessoa que tinha uma relação familiar com meu pai. Era uma relação familiar meio distante, né! Mas só que aí, quando eu nasci, ela se arrependeu ao me ver no colo, né? Ela se arrependeu de ter me dado. Inclusive, a pessoa que ia me receber já tinha

<sup>1</sup> Nome fictício, devido à proteção do sujeito entrevistado.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. Email: nhamuche@ua.pt.

<sup>3</sup> Professora Catedrática do Programa Doutoral em Estudos Culturais e Coordenadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), Universidade de Aveiro. Email: mbaptista@ua.pt.

<sup>4</sup> Professora Associada, ISS, Universidade Lusófona. Email: helia.bracons@ulusofona.pt.

preparado todo um enxoval. E quando minha avó viu que ela estava chorando, resolveu perguntar o que tinha acontecido. E ela falou que ela tinha feito algo que ela acabou se arrependendo, mas só que ela não sabia se ela voltava atrás, se ela podia voltar atrás. E foi então que minha avó materna interferiu e acabou que eu fiquei com minha mãe. Mas só que a minha mãe já tinha um primeiro filho. Era mãe solteira, eu era a segunda filha. Depois ela se casou e acabou me deixando com as minhas avós. Horas eu estava no convívio da minha avó materna, horas no convívio da minha avó paterna. Sou cria de avó. E eu não sei, mas analisando agora, eu poderia de repente ter ficado com o guardado mágico da minha mãe por conta disso, né! Por ela mesmo não ter me criado. Mas eu tento compreender o que seria uma mulher solteira com dois filhos na década de 1980, né! Porque ela não tinha uma escolaridade, um grau de escolaridade. Ela foi criada literalmente em casa de família. Então eu imagino assim a dificuldade pela qual ela passou. E até mesmo para criar a mim, o meu irmão, ela trabalhava em casa de família. E ganhava pouquíssimo, né? Então eu procuro entender essa situação dela enquanto mulher, enquanto mãe nessa condição. Uma mulher que tinha um poder aquisitivo pouco, né! Bem menor do que se esperava ter criado dois filhos. E depois eu fui entendendo. Essa reflexão eu passei a fazer aos 13 anos de idade. Eu acho que é a fase da adolescência em que a gente, será que fica rebelde ou não? E eu acabei compreendendo dessa forma e não guardando o rancor da minha mãe. Eu não fui criada pela minha mãe.

**AJN:** Qual foi a sua sensação, seu desafio, crescendo fora do convívio dos pais, nesse caso da mãe e do pai?

**M:** Eu sentia muita falta de mãe, de carinho de mãe e de pai também. Principalmente de pai. Meu pai tinha um poder aquisitivo bom, que poderia me ajudar, ajudar a minha mãe sem mesmo ela ter que recorrer à justiça. Que foi algo que ela fez, porém ela não levou muito à frente e acabou que ele não me dava assistência financeira. É algo indelicado.

**AJN:** Neste sentido, fora dos pais, como foi o ambiente de convivência familiar?

**M:** Sendo uma pessoa que vivia praticamente em dois lados, diferentes também daquilo que idealmente podia ser. Ou seja, estar em casa dos avós maternos, depois dos avós paternos e não com o pai e a mãe. Era um conflito interno intenso e contínuo que eu acabei achando uma maneira de organizar esses conflitos de uma forma silenciosa. Como assim silenciosa? É como se eu me retraísse, eu fugia para dentro de mim. Como, por exemplo, eu procurava, eu tinha certas angústias, logicamente, angústia de criança, angústia de adolescente. Só que eu não me externalizava, eu preferia silenciar e até mesmo procurar ouvir a minha voz. Acabava dando conselho para mim mesma, algo bem estranho, mas era estratégia para que eu pudesse talvez não me revoltar. Porque o meu irmão mais velho era revoltado por conta

dessa situação. E eu tive a oportunidade de conhecer meu pai, porque meu pai era vizinho da minha mãe, morava na mesma rua. E ele [meu irmão] não. Então, também eu procurava analisar as dores do meu irmão e as minhas dores, mas que ele externalizava. Eu não conseguia externalizar, porque eu não queria ser revoltada como ele era revoltado. Também, naquela época, se uma pessoa era revoltada, se um filho era revoltado, geralmente os pais batiam. A minha mãe batia muito, não sei se era uma forma de, sei lá, descontar. Eu entendia que ela descontava no meu irmão mais velho, todas as angústias dela. Aí eu disse “eu não quero apanhar, eu não quero viver dessa forma”. Isso porque a minha mãe morava com a minha avó. Eles moravam mesmo na mesma casa, mas que eu ficava na responsabilidade da minha avó materna. Mas assim mesmo, de repente ela poderia, na ausência da minha avó, me bater e eu não queria apanhar.

**AJN:** Acha que isso teria afetado a sua vida profissional, começando pela parte escolar?

**M:** Com certeza. Eu penso que sim, porque eu via o estudo como uma escapatória daquela situação, então, uma forma de mudar a minha realidade. Porque eu via as dificuldades que a minha mãe passava. E até mesmo depois que ela se relacionou com meu padrasto, com o qual ela teve três filhos, né! E eu via a dificuldade financeira pela qual ela passava. E era uma dificuldade financeira que eu presenciava na casa da minha mãe, na casa da minha avó materna. Só que eu não presenciava essa dificuldade financeira na casa da minha avó paterna. Porque lá, o meu pai trocava de carro anualmente, entende? Então, lá era uma realidade totalmente diferente. Que era fartura enquanto na casa da minha mãe faltava o básico, entende? E tem uma coisa que a minha avó sempre fala, a minha avó materna, ela faleceu em 2007, aos 86 anos de idade. Então, eu percebia que aqui e ali, ela exteriorizava, ela deixava transparecer que o desejo dela era que um dos seus descendentes pudesse concluir o ensino médio. Pelo menos que na época era muito o ensino médio. Já dava uma qualidade de vida, já começava a mudar a realidade, né! E ela gostaria muito que isso acontecesse, mas com os filhos não foi possível. E comigo, com os netos, ela sempre aconselhava a gente a trilhar novos caminhos, a estudar, que através do estudo nós poderíamos mudar a nossa condição social. E era isso que ela queria. E o que foi que eu procurava era ser obediente aos conselhos dela, principalmente que era uma pessoa já com uma bagagem de conhecimento, bem intensa, até mais que a minha mãe, né! Por conta da idade também. E algo diferente que eu percebi em mim é que eu comecei a tecer esse comportamento de obediência, esse de tranquilidade. Eu acho que por isso é que eu sou uma pessoa muito tranquila, mais por conta dessas situações que vem desde a infância. E eu observo que isso só favoreceu eu chegar onde eu estou, mudar a minha realidade, porque o estudo mudou a minha realidade, com toda certeza. E o interessante é que, como eu falei, a minha avó tinha esse desejo de ver um dos seus descendentes (pelo menos um) cumprir o ensino médio, e ela teve essa oportunidade de ver isso através de mim. E quando eu cumpri

o ensino médio, ela falou bem assim, eu lembro perfeitamente das falas dela. Ela disse “de hoje em diante, não vamos poder estar contigo te apoiando, te incentivando nos estudos. Tu terás que caminhar com os teus próprios, trilhar os teus próprios caminhos, sem talvez a minha orientação”. Aí eu fiquei imaginando, nossa, como naquela época, se parecia que ela já estava se despedindo. Mas ela se sentiu tão realizada, que isso foi em 2003, e em 2007 ela faleceu, né! E eu fui tentar fazer o vestibular para a graduação em 2009, por conta que eu tive meu filho aos 17 anos, estava no último ano do ensino médio. Agora imagina, eu fiquei assim, eu engravidei em fevereiro, estava começando o ano letivo, eu disse, não acredito que, de repente, eu não vou realizar o desejo da minha avó. Quando ela soube que eu estava grávida, imagina como ela ficou feliz, por um lado, né! Porque era um bisneto que vinha, mas aí aquela preocupação “será que ela vai concluir o ensino médio? Será que vai ser mais um dos membros da família que vai desistir? Então eu tinha essa responsabilidade, eu queria dar essa felicidade para minha avó, porque eu não via que qualquer momento ela poderia partir, falecer. Ela já estava na casa dos 80 e poucos anos, e isso serviu de motivo, de incentivo, para que eu fosse para a escola, “eu vou fazer o pré-natal do jeito, para não dar complicação, para tudo ocorrer da melhor maneira possível”. E ocorreu, de fato, eu consegui frequentar. Assim, eu faltava à aula durante o último ano do ensino médio, quando eu ia fazer o pré-natal, mas eu entrava com o documento, não perdi os assuntos, as atividades, nada. Sempre procurei ser uma aluna, aliás, desde criança, sempre procurei ser aplicada nos estudos. Não era, assim, a inteligente da sala, mas sempre foi esforçada. Então, isso eu consegui no ensino médio. O meu filho nasceu em outubro, mas eu consegui, até em outubro, e quando entrei para o processo de maternidade, eu estava com todas as notas, basicamente, boas, e eu consegui.

**AJN:** E na sua vida profissional, acha que o momento escuro que atravessou da sua nascença, crescimento, escola, tenha alguma influência?

**M:** Eu penso que não. Eu não sei qual é o mistério, mas eu acabei transformando todas as minhas dificuldades, as coisas ruins que aconteceram comigo, eu consegui. Eu acho que com a força psicológica que existia dentro de mim o desejo de fazer as coisas boas, talvez. Eu converti tudo isso em energias positivas. Não sei te explicar no momento de que forma, mas sempre procurei encarar as coisas, por mais que fossem dolorosas, sempre com sorriso no rosto, sempre de forma positiva, olhando sempre o lado bom da vida. Porque tem um lado bom, e tem um lado ruim. Se a gente focar no lado ruim, provavelmente a gente só vá fazer as coisas, vai refletir em coisas ruins. E eu procurava sempre ver o lado bom da situação, o lado bom da vida. E eu também observava uma coisa, que a vovó sempre falava “sempre você deve tirar algo proveitoso, positivo, das coisas ruins, das dificuldades”. E a vovó, pra mim, a minha avó, era a intelectual, mesmo não tendo frequentado um banco de uma escola. Ela tinha um conhecimento maravilhoso, uma bagagem de conhecimento

maravilhoso. E ela era tranquila, sábia. Eu acho assim, nossa, minha avó foi longe na minha vida. E eu não me arrependo nem um pouco de ter sido obediente aos conselhos dela. Eu fico imaginando de onde ela estiver, com certeza ela deve estar muito feliz de verificar “olha o reflexo da criação que eu dei para ela”, sabe?

**AJN:** Falando disso, você hoje é uma mãe. Que conselhos daria ao seu filho?

**M:** Que ele foque nos estudos, que ele possa fazer, aproveitar o momento que ele está tendo, as oportunidades em relação aos estudos. Porque eu penso que o estudo muda a pessoa, ele é um passaporte para o bem-estar de um ser humano. Muda a realidade da pessoa e eu sou exemplo disso. Tem que saber viver cada momento da melhor maneira possível. Dentro do ambiente universitário, dentro do ambiente de ensino. Eu acho que o bom da vida é isso. Como ele é jovem, ele herda um pouquinho da minha criação. Porque, digamos, ele não demonstra ter gosto por festas, ele se foca no estudo. É como se ainda estivessem vivos aqueles conselhos da minha avó. Ela não proibia a gente, ela nunca proibiu de ir em festa e tudo mais, mas ela fazia de um tudo para que eu não pudesse ter esse gosto, despertar esse gosto pela festa, porque a minha mãe gostava de festa. Ela, digamos, fugia da escola, ela pulava a janela, sabe? Para não assistir a aula, para ir para festa, entende? Então eu vejo assim, como algo negativo. Se por acaso eu gostasse de festa, gostasse da vida noturna. Agora tu entendes por que eu não gosto de vida noturna? Por causa justamente que eu tenho esse exemplo. E o meu filho, hoje, ele demonstra a mesma coisa. E o conselho que eu deixo para ele, eu falo que a maior herança que eu posso deixar para ele é a maior herança que a minha avó deixou para mim. Foi o gosto pelo estudo, foi esse compromisso.

**AJN:** Ser mulher e mãe na sociedade, qual é o desafio que tem?

**M:** Ser mulher e mãe, principalmente, digamos, eu posso focar aos 17 anos, que foi o caso que eu tive a experiência, né! Fui olhada de uma forma muito... sabe, às vezes, eu procurava assim “eu vou respirar fundo, não perder a categoria, não vou dar ouvidos pra que as pessoas irão falar”. Porque a minha mãe, como eu te falei, ela tentou interromper a gravidez. Não ia fazer isso com o meu filho, tu entendes? Parece tudo que aconteceu comigo, eu queria fazer diferente com o meu filho.

**AJN:** E frequentar academia, sendo mãe, pode comentar?

**M:** É desafiador. Aparecer grávida aos 17/18 anos, você é vista de uma forma...digamos, é menosprezada. Passam a não acreditar mais em você. “Ah, será que ela vai conseguir”? Então, a responsabilidade que você tem enquanto mulher, e enquanto, digamos, uma mulher de uma condição econômica bem inferior, é muito mais desafiador. Mas o que foi

que eu fiz? Como te falei, não vou perder a categoria. Eu ergui minha cabeça e caminhei, independentemente de quem ia aplaudir ou criticar, entende? Houve crítica, até algumas pessoas xingavam que eu não ia conseguir. Isso aconteceu comigo. Eu passei por essas situações. Mas eu não deixei me afetar. Mesmo porque era a situação, se eu me deixasse abalar, eu acabaria prejudicando o desenvolvimento do meu filho. E estava em processo de formação. Então, eu queria só abster de coisas boas. Tu compreendes? E foi isso até mesmo na maternidade, no processo que tive do pré-natal, eles sempre conversaram nisso. Tudo que eu fui ensinada dentro do consultório, no acompanhamento do pré-natal, tanto com o enfermeiro quanto com o médico, porque era mais os enfermeiros que davam essa orientação. E eles falavam que em relação ao nosso equilíbrio emocional, alimentação, eu tive que mudar toda a minha rotina. Não que eu não tomasse, não fosse criteriosa ou cuidadosa com a minha alimentação. Eu sempre procurei ter um cuidado com a minha alimentação. E em relação ao meu emocional também, me equilibrar. Porque existia um ser dentro de mim em formação. Eu não deveria estar atenta ao externo, e sim ao interno. Até mesmo me bloqueando, me protegendo de certas situações que pudessem afetar o desenvolvimento do meu filho. O foco, naquele momento, era no meu filho. Agora eu tinha um compromisso a mais, que era de cuidar da minha avó, cuidar dos meus estudos e cuidar de uma criança. Eu queria que meu filho nascesse bem saudável, para, de certa forma, não mudar muito a minha rotina. Porque imagine você com um filho doente, muda toda a sua rotina, a rotina de mamãe, entende? Eu falo de mamãe porque o pai dele não deu suporte e, querendo ou não, é mais desafiador para a mãe do que para o pai. Você vai se perguntar por quê? Porque o pai é meio que histórico. Essa situação de que se ele quisesse um compromisso, ser pai de fato, ele assume esse compromisso. Senão ele vai meio se distanciando. Sendo pai indiretamente ou diretamente, a mãe não. Não sei agora, agora já mudou. Mas na minha época eu queria ser mãe presente. Eu não queria abandonar meu filho. Eu queria dar o melhor para ele. Porque eu já vinha de experiências de não ter carinho de mãe e pai.

**AJN:** Que mensagem pretende transmitir dizendo “agora já mudou”?

**M:** Agora já mudou porque eu percebo que muitas mães abandonam seus filhos. Pelo menos na realidade, no que eu observo. Eu até costumo conversar com o meu filho, o termo empoderamento, eu penso que muitas pessoas pegaram para si o empoderamento, mas de uma forma inadequada. Não sabem o que é, de fato, ser empoderada. E uma vez o meu filho, ele olhou para mim e disse “mamãe, sabia que a senhora é empoderada? A senhora é uma mulher empoderada. E não é uma mulher moderna, é uma mulher contemporânea”. Eu disse “por que isso, filho”? Eu fiquei presa ouvindo da boca do meu filho. Na época ele tinha 16, 17 anos quando ele falou isso. Eu disse “por que”? “Porque o empoderamento para muitas pessoas, para muitas mulheres, dá o direito de elas abandonarem seus filhos, dá o

direito de elas, digamos, se igualarem a muitos homens, ao comportamento de homens que não deveriam se comportar de tal forma”. Tu entendes? Não necessariamente que todos os homens se comportem de uma forma errônea, de uma forma inadequada, como, por exemplo, ele associou a questão da figura paterna. E hoje em dia a mulher diz “eu sou empoderada. O homem não quis assumir a responsabilidade de pai, eu também muito menos vou. Eu vou me igualar a ele, não vou assumir o papel de mãe, e acabo abandonando seus filhos”. Tu compreendes em que aspecto? Então, por isso que ele fala, e esse diálogo surgiu entre eu e ele, a partir dele. Muitas pessoas acabam compreendendo mal esse termo empoderamento, principalmente quando eu sou mulher, eu quero ser empoderada, eu vou agir assim, eu vou agir de tal forma. Eu penso, sim, que devo ser empoderada, mas, no caso, guardando ou então perpetuando certos princípios e valores que foram repassados pela minha avó.

**AJN:** Falando dessa questão do empoderamento, é muito abordada por movimentos feministas que têm surgido. Qual a sua percepção sobre o feminismo ou movimentos feministas?

**M:** Bem, eu posso te dizer que eu achei muito interessante a conversa que nós tivemos, porque tu deste um conceito e contribuir com a tua fala em relação ao feminismo, aos movimentos feministas, né! O que é interessante é que, de fato, acontece pelo fato de não terem o conhecimento como, por exemplo, eu posso me considerar que não tenho conhecimento bem aprofundado em relação a esse termo, mas eu prefiro ouvir e ter mais. Eu não me sinto muito preparada para falar sobre isso, mas, a partir do momento que eu percebo, a partir da tua fala, né! Tu lembra da conversa que nós tivemos? Muitas situações, as mudanças na sociedade partiram dessa situação dos movimentos feministas. E nisso a gente percebe, pelo menos eu percebi na sociedade em que eu estou agora. É algo bem recente, mas que já vinha sendo trabalhado há muito tempo, talvez sem elas perceberem, pelas minhas avós. E vinha sendo, de uma forma, bem trabalhada. Mas, por muitas situações, falta de conhecimento, foram tomando certos caminhos tortuosos. Poderia ter um avanço bem mais significativo para a sociedade, porque eu acho que é um movimento que, de fato, só agrega bastante, e é muito importante. E influencia, como eu falei para o meu filho, “você é fruto desse movimento porque se eu não tivesse lutado para que eu pudesse ter uma boa educação, garantir o meu espaço na sociedade, que a sua avó não teve, que a minha mãe não teve, você não estaria onde está. Em relação ao curso do ensino superior, não sei necessariamente se é o que ele desejava, mas na área que ele desejava. Eu não tive essa oportunidade, porque minha mãe não tinha condição de me manter em Itacoatiara, que era o curso em que eu queria estudar, que era Engenharia Florestal. Na época era o meu sonho, sabe? Por essas situações, situações econômicas, financeiras, não foi possível. Então eu tive que construir novos sonhos. Então eu penso a realidade dele é diferente, e ele pode



estudar o que ele deseja por conta desse movimento feminista, por conta disso, desse empoderamento feminista.

**AJN:** Você falou que seu sonho era fazer Engenharia Florestal. Ainda faz alguma cogitação no sentido de resgatar aquilo que foram seus sonhos?

**M:** Bem, a única coisa que eu posso fazer, de repente, é atuar no ensino superior, na área, né! De repente ministrando alguma disciplina, coisa parecida. Mas, na verdade, eu me sinto bem realizada na área em que eu estou. Como eu te falei, eu acabei construindo novos sonhos. Aquilo não se tornou algo tipo estou frustrada, ou então. Pode até ter acontecido logo no início, quando eu não consegui realizar esse sonho. Mas não se tornou algo que viesse a ser uma dor, entendes? Porque eu construí outros sonhos. E eu sou realizada na área que estou. E é interessante, é como se eu tivesse caído de paraquedas no curso de pedagogia. E tu falas, por que ela caiu de paraquedas? Porque, como engravidei aos 17 anos, e o meu esposo estava com 18, era muito jovem. Ele parou de estudar para trabalhar no pesado para ajudar a sustentar o meu filho, entendes? A gente se sustentar, a gente veio da base, juntos, a gente criou uma história juntos, uma história de superação. Então, ele disse “chegou o momento, Muyrakitan, não tem como continuar meus estudos”. Tu vais continuar, eu não, para te ficar bem melhor. Mas porque tu gostas de estudar, e eu não gosto”. Ele não se dava muito bem em sala de aula. Ele foi meu colega desde o quinto ano do ensino fundamental. A gente foi criando ali uma relação de amizade, enfim. E então, eu fiquei com essa responsabilidade de estudar. Mas, quando o meu filho nasceu, estava difícil para os dois, até mesmo para continuar os meus estudos. Então, eu fui trabalhar em uma área comercial em Parintins. E foi só no período do festival, porque no período do festival surge emprego, a oportunidade de emprego temporário, né! Então, eu fui, porque, inclusive, era a vaga de um rapaz. Olhe a história! Era a vaga de um rapaz que era no depósito, porque trabalhava com aqueles rolos de peças de tecido. Então, vendia peças de tecido, material, enfim. Então, a gente tinha que descer peça da parte de cima. O comércio era embaixo e em cima ficava o estoque dos produtos. Então, acabava lá do expositor, a gente tinha que descer. Então, aí, eu fiquei imaginando. Levei o meu currículo e ele falou “olhe, eu tenho aqui uma vaga, mas é para trabalho masculino”. Aí eu fiquei, mas eu precisava só de uma oportunidade. Acho que ele ficou com dó do que eu falei, né! “Eu preciso só de uma oportunidade de trabalho, só de uma semana, para eu me verificar se, de fato, mereço o emprego. Não precisa nem assinar carteira”. E ele deu essa oportunidade. Agora, olhe a estratégia! Como descer um rolo desse de não sei quantos quilos mais ou menos? Tinha aquelas peças grandes de rolo, de tecido. Aí eu fui começando a me aproximar das meninas. Porque quem vendia eram só as meninas. E o homem era só para estar nessa função. Aí eu comecei a me aproximar das meninas, criar um laço de amizade e tudo mais. E com elas fomos criando aquela afetividade. E acabava que a gente ia se ajudando. E eu as ajudava,

elas me ajudavam. Porque quando eu terminava aquele trabalho não ficava lá só na espera. Eu ia lá ajudar elas também, entendes? Era uma troca. E quando terminaram aqueles 15 dias, ele disse “eu gostei do seu trabalho. Você é muito prestativa. Você tem um espírito de coletividade. Eu vou contratar você”. Eu fiquei pensando: será que eu pergunto? Mas aqui é uma vaga para homem. Eu vou continuar fazendo esse trabalho? Eu não sei se eu garanto. Até quando eu garanto, né? Aí eu pensava no meu filho. Eu disse “meu Deus, não vou perguntar, não”. E acabou que ele acrescentou uma vaga na empresa, justamente para eu ficar como vendedora e outro rapaz pudesse ir para função. Eu achei isso fantástico. Eu sou um pouco... eu tenho fé, na verdade. E eu acredito no meu ser superior. Muitos não acreditam, mas eu acredito no meu ser superior. Que para mim é Deus. Então eu acho que Deus escreve tudo direitinho. Mas você, logicamente, tem um livre-arbítrio. Você pode mudar, tomar os rumos diferentes. No meu ponto de vista, todo ser humano nasce com um plano maravilhoso para ele executar. Porque Deus não quer ver ninguém na miséria. Mas só que em decorrência de certas situações, certas circunstâncias que vão acontecendo na vida da pessoa, muda-se a trajetória. A gente vai tomando rumos diferentes. E eu digo aquilo lá tinha o dedo de Deus ali, sabe? Me dando força, fé. Que me animava, me fazia ver as coisas positivas da vida. Por mais coisas doloridas que acontecessem. E eu acabei ficando. Para quem ia passar 15 dias, eu acabei ficando 5 anos dentro da empresa. E assim, eu comecei como uma pessoa que estava ocupando o cargo de um homem, a função de um homem. Aí depois eu fui para vendedora. Aí, 3 anos depois, eu fui para gerência da loja. E nesse período eu fui vendendo as minhas férias. Isso me deixou muito cansada. Mas por que eu vendia? Porque eu precisava; eu queria ajudar em casa, dar o melhor, poder sair pra passear, dar uma condição de vida melhor para mim e para minha família.

**AJN:** Você falou de “vaga de homem”. Pode contextualizar?

**M:** Vaga de um homem, por que ele deixou claro isso. Ele tinha muito na mente que quem carrega peso é o homem, a mulher não pode carregar. Mas eu mostrei para ele que a gente pode. Eu não posso carregar sozinha, mas posso carregar com uma outra mulher. E tudo isso ele percebeu, ele viu a nossa união naquilo, entende? Aí é a questão que muitos falam. Ah, a mulher pode fazer a mesma coisa que o homem faz. Eu digo que pode sim. Eu não posso sozinha, né! Mas eu posso em parceria com outra pessoa. Eu posso carregar aquele rolo lá de peça, de tecido. Lógico que não sozinha. Assim também com o homem, tem homens que são frágeis. Quer dizer que o homem não pode ser frágil? O meu filho, não vou criticar a ele se ele não conseguir carregar algo pesado. Acho que o homem também não é feito só por pesado. Mas que na época tinha muito isso daí, em 2003, 2004, entendes? É algo recente, mas enchia essa concepção, em Parintins principalmente. E o dono da loja tinha essa ideia, mesmo porque ele já era uma pessoa que vinha de uma outra realidade, entendes? E aí, de repente, chega o momento que eu disse “não, não posso mais. Eu estou cansada dessa vida”.

Uma vez, conversando com o meu cunhado, com o caçula, ele estava, na época, saindo do ensino médio. Ele passou no vestibular, para medicina. E isso foi um marco na família dele, porque ele já pensou, ele vinha de uma realidade também muito, muito, muito carente. E aí, conseguir uma vaga no curso de medicina foi uma felicidade pra todos. Aí eu conversando com ele, ele disse assim, “Muyrakitan, me diga uma coisa, me responda uma coisa, não menosprezando outras profissões, mas me responde agora: você prefere estar atendendo as madames de Parintins (...), ou você prefere ser atendida por elas”? Aí era uma fala curiosa, né! Eu perguntei o que ele queria dizer. Aí eu procurei ver o meu potencial dentro daquela fala. Era como se ele estivesse me instigando, sabes, certas reflexões, e de fato ele estava. Se não, acho que agora já deu. Então quer dizer que eu não quero mais, eu não vou esperar que o meu patrão dê a minha conta para eu seguir outros caminhos. Aí minha avó sempre falava “saia de uma situação, mas deixe sempre a porta aberta”. Eu não entendia quando era criança isso. Aí eu disse “é a hora de eu colocar em prática a fala da minha avó”. Aí eu lembro que uma vez cheguei em casa muito cansada, aí eu disse “Junior (é o nome [fictício]do meu marido), eu não aguento mais, eu não quero mais isso para mim. Eu quero sair de lá da loja, mas eu não quero ir para outra loja. Eu vou fazer o vestibular da UFAM”. Aí ele disse “está bem, eu pago a tua inscrição”. Porque, interessante, eu trabalhava, mas não tinha dinheiro para inscrição. Porque sempre a gente vai procurar, digamos, fingir de uma situação confortável, e eu estava fazendo isso. Aí eu fui com o meu cunhado, ele me ajudou a inscrever, ficou entre o curso de serviço social, zootecnia ou pedagogia. Mas um dos motivos pelos quais eu queria sair da loja é que eu queria passar mais tempo com o meu filho. Aí eu tinha de estudar, digamos, integral, que seria a zootecnia e serviço social. Ele disse, não, eu devia ir para a pedagogia, que é noturno. Só que eu confesso que eu enfrentei também outra situação, porque o meu marido é um tanto que ciumento. Ele é um tanto que ciumento, mas eu não ligava. Eu nunca liguei nenhum ainda para o ciúme dele. Ele morre lá com o ciúme dele, mas eu não dou muita atenção para isso. É assim, tem que ser firme em certas situações. Eu preciso ser firme para continuar, porque senão vai me impedir. Eu não ia parar no tempo por conta do ciúme dele, entendes? E o que foi que eu fiz? Eu me inscrevi em pedagogia. Eu não sabia nem do que se tratava pedagogia. Eu não sabia de que forma ele iria reagir, mas o curso seria à noite. E eu me inscrevi e não falei que seria noturno. Não falei para ele que seria noturno, mas ele estava lá me dando maior força. E eu imaginava que eu não ia passar. E foi meu primeiro vestibular e eu passei, seis anos depois de concluir o ensino médio. Porque saiu um jornal, inclusive um jornal da cidade, um jornal matutino, a lista dos aprovados. Aí saiu o meu nome, você não acredita! Eu passei e a minha outra colega também que trabalhava passou. Mas ele [o patrão] não liberou. Quando eu cheguei no trabalho e falei para ele, ele disse “só que eu digo uma coisa: eu não vou negociar com pessoas que vão estudar. Ou ela pede para sair, ou desiste do estudo”. Aí, sabe, aquilo foi um balde de água gelada. Mas ele era um homem assim, um pouco grosseiro. Aí eu fiquei

imaginando que ele não ia querer isso para as filhas dele, mas ele quer isso para filha dos outros, né! Mas aí eu disse “não, vou decidir... é agora que eu vou decidir”. Aí eu cheguei com ele e falei que eu só sabia o que ele queria da minha vida, que era para ele me desculpar, agradecer a todas as oportunidades que ele tinha me dado de emprego, mas eu precisava sair. Eu acho que ele não esperava isso de mim. Nem de mim, nem da outra. Mas a outra até que ele negociou durante, eu acho, seis meses, mas comigo não. Eu disse, “não, é agora ou nada. Já que ele falou isso eu também não vou prejudicar os meus estudos. Eu tenho que entrar com o pé direito”. E aconteceu. Que eu pedi minhas contas e ele acabou negociando comigo. Aí eu pude receber todos os meus direitos trabalhistas. Mas só que aí tem uma situação, que eu posso te revelar, que também contribuiu para que eu pudesse sair do comércio. Eu não percebi na época, porque era muito, de certa forma, inocente. Eu não via maldade nas coisas. E somente há poucos tempos atrás eu fui perceber que eu fui assediada por ele. E eu não me dei conta, entende? Eu disse, “meu Deus, como é?” E acontece no comércio, não sei aqui, mas às vezes acontece, era comum, digamos, o patrão ter relacionamento com a funcionária, entende? E eu não sei se aquilo foi um teste; eu não sei, mas posso dizer que eu o desculpo agora, depois de compreender toda essa situação. É algo meio que complicado, mas quando você percebe que você é assediada é algo meio que, é algo estranho. Eu me senti super estranha, mesmo sendo bem depois, porque naquela situação eu me saí super bem, entende? Foi assim, no dia do pagamento. Aí ele propôs certas situações, entende? E que, inclusive, eu tinha conhecimento que ele tinha relacionamento com outras meninas da loja. E eram até mesmo mulheres casadas. Aí eu disse “ele deve estar me testando, só pode. Mas eu não sou, eu não tenho essa natureza, eu não vou me permitir isso”. E simplesmente eu falei que eu fiquei toda sem jeito, ele percebeu o meu jeito, e ao mesmo tempo eu procurei fôlego e disse que não, eu precisava ter uma relação de funcionária na loja e eu estava ali profissionalmente. E falei que não avançasse aquela situação, aquela relação. Aí ele percebeu aquilo, ele rapidamente mudou o comportamento, ele disse “me desculpa”, mas eu não estava me dando conta de que aquilo era um assédio, entende? Aí foi que ele me pediu desculpa rapidamente, pediu que não acontecesse nada, que não saísse dali aquelas informações, aquela situação. Porque ele viu pela minha postura, ele teve medo que eu pudesse denunciar, entende? Mas era algo que eu não pude; não fiz, logicamente. E isso daí me fez tentar mudar. E foi a partir daí, também, que ele viu como eu era, que ele me propôs a gerência da loja. Porque ele viu que o dinheiro não compraria, digamos, quem usou. Por isso eu estou te falando, eu não sei se foi um teste que ele fez ou se vai que funcionasse, né!

**AJN:** Você falou de “vaga de homem”. Pode contextualizar?

**M:** Ah não! A proposta que ele fez foi que ele estava gostando de mim, que ele queria ter uma relação mais que profissional em relação ao que aconteceu na loja. Eu disse que eu era

casada (de fato eu era casada) e que, mesmo se não fosse, não iria aceitar essas coisas, não. E que precisaria haver um respeito ali. Aí quando ele percebeu que eu fiquei muito nervosa, eu sempre fui nervosa desde criança, sabe? Muito nervosa. E eu processo essas coisas, assim, o que pode ser rápido demais, para mim demora um pouquinho, mas há mil coisas na minha mente. E era o que estava acontecendo naquele momento. Talvez ele tenha percebido que eu fiquei vermelha, nervosa, mas aí eu respirei fundo quando eu voltei com aquelas respostas. Aí foi que ele se corrigiu, falou que era para ele me desculpar, que eu pudesse desculpar ele, que não era a intenção, que ele estava provavelmente se dirigindo à pessoa errada, porque ele pensava que eu era de uma forma, e na verdade... tu entendes? Aí, acho que seis meses depois, foi que ele me chamou para a gerência, porque a pessoa com quem ele estava tendo um caso não poderia mais estar na gerência, por conta das questões financeiras, já era da gerência, entende? E eu fiquei até nesse momento, eu pedi para sair, e ele agradeceu todo o trabalho, pediu desculpas por todas as situações constrangedoras. Eu pensei que ele deveria estar se defendendo dessa situação.

**AJN:** Você chegou a trabalhar com ele na gerência?

**M:** Sim, seis meses depois da situação aí, da proposta inconveniente.

**AJN:** Retornando as questões sobre empoderamento, você se sente uma mulher empoderada?

**M:** Eu me sinto uma mulher empoderada. Como eu te falei, tenho muito, ainda, que compreender, que vencer o empoderamento. Mas do pouco que eu compreendo, eu posso dizer sim, que envolve a questão da autonomia, da mulher poder fazer o que ela se sente bem, poder ir e vir, se realizar profissionalmente. Eu me considero. Eu faço o que eu quero, independentemente de qualquer coisa, até mesmo da opinião do meu marido ou do meu filho. Quando eu tenho minhas opiniões, eu posso não demonstrar, mas eu sou firme no que eu quero. A partir do momento que eu digo, eu vou fazer tal coisa, porque é algo que eu já planejei há muito tempo, já vi as possibilidades, os desafios e tudo mais. Então, eu penso que eu me considero uma mulher empoderada, a partir desse conhecimento que eu tenho de falar.

**AJN:** Sendo mulher, qual seria o conselho que daria a outras mulheres?

**M:** Olha, eu troquei quase que recentemente, acho que, a minha mãe. Porque a minha mãe se dedicou tanto aos três filhos que ela criou. Deu suporte para o meu padrasto estudar, se formar, fazer os cursos na área que ele gosta, que é na área marítima. Então, ele foi subindo de patente, foi estudando, e ela sempre cuidando dos filhos, porque ela tinha a ideia de que

a mulher, para ser bem-sucedida, ela tem que casar com um homem que tenha uma condição financeira, um bom emprego. E aquilo sempre me causou certas dúvidas, certos incômodos, porque eu disse “não tem que ser assim”. Exemplo dela mesma, e eu queria falar para ela, mas eu nunca tive essa liberdade de chegar e falar. O que aconteceu? Com o decorrer do tempo, porque ela só teve o ensino fundamental, ela não quis continuar os estudos dela. Ela foi continuar já quando o meu padrasto estava deixando-a, já na casa dos 40, 50 anos. E ela foi continuar, fez a EJA, que é o ensino médio, e ela acabou ficando sem uma condição financeira estável, porque ele se separou. A partir do momento que ele estava estabilizado economicamente, ele simplesmente arranhou outra e foi. Aí como eu falei para ela “mamãe, a mulher tem que se sentir, ela tem que se valorizar, ela tem que procurar, ela tem que estudar, independentemente da idade, ela tem que estudar, ela tem que ter novas perspectivas, ela tem que ter uma autoestima, cuidar do seu psicológico, do seu corpo, se valorizar principalmente em relação a isso. E ela tem que, acima de tudo, trabalhar, independentemente de qualquer área. Ela pode ser uma taca caseira, ela pode ser uma vendedora de pipoca, ela pode ser o que ela quiser, uma profissional do sexo, desde que ela seja realizada no que ela faz, ela não seja forçada a fazer aquilo, ela faça por prazer”. Então, e o trabalho em si (não digo emprego) traz esse empoderamento para a mulher, desde que ela se realize naquilo que ela faz. E isso ajudou muito a minha mãe, ela desconstruiu aquela ideia de que a mulher tem que ficar em casa simplesmente cuidando dos filhos, da casa, e do marido. E hoje em dia, minha mãe, aos quase 60 anos de idade, ela se encontrou. Ela fala que ela se encontrou através do emprego que ela tem de cuidadora de idoso. Tem o salário dela, que ela disse que é bom demais ter um salário, porque é muito, nem quando ela trabalhava em casa de família ela tinha um salário digno. Hoje ela tem, e ela faz o que ela quer, um trabalho leve, só que a única coisa que ela sente dificuldade é em relação ao transporte. Mas ela faz o que ela quer, e ela é bem tratada no ambiente em que ela está. Eu disse “mesmo que a senhora não seja bem tratada, se a senhora não está bem lá, a senhora muda, a senhora não é obrigada a estar lá”. A gente é mulher, a gente tem que fazer o que a gente quer dentro de um relacionamento conjugal, dentro de um relacionamento familiar com filhos também. Entende? Só que eu penso que, para ser empoderada, a gente tem que compreender o que é de fato empoderamento, e não tratar o empoderamento de uma forma contraditória o que realmente ele é. Porque acaba que é banalizando o termo empoderamento.

**AJN:** Muyrakitan, chegamos no fim da nossa conversa. Tem mais para dizer?

**M:** Deixa-me ver! Eu acho que a pior coisa para uma mulher é ela ser assediada, sabia? Depois eu compreendi, e é interessante que eu não suspeitava disso. Não suspeitava, mas eu fui compreender isso melhor, recentemente, através da análise. Coisas assim que eu fui resgatando, e isso não é tudo. Eu compreendi também porque eu não gosto de sair também

à noite. A minha avó, ela nunca me prendeu de dizer que não vai sair à noite e tudo mais. Em Parintins, tu sabes que o festival folclórico é algo que movimenta a juventude, principalmente. Tanto para o bem quanto para o mal, porque às vezes tem um lado negativo nisso tudo. E o que eu queria era ter a oportunidade de ir para os ensaios do boi com as minhas colegas e voltar feliz da vida. Aproveitar aquele momento de brincadeira, mas só que tinha um lado ruim dessa história que eu sabia, mas não queria ver. E o que aconteceu? Uma vez eu disse “vovó, deixa eu ir com as minhas colegas, as meninas lá na rua, na vizinhança”. Elas eram bem mais velhas que eu, mas eu insisti e ela deixou. Na hora, tem que voltar. Se está na hora é nove horas da noite, né! Então a gente foi as sete e as nove horas tinha que estar em casa. E quando chegamos lá, aconteceu uma situação que para mim foi muito constrangedora. Elas (cada uma) foram para os seus namorados, porque na verdade elas usavam o ensaio do boi para cada uma namorar, entende? E quando eu me deparei, estava só eu lá no meio daquela multidão. Aí eu fiquei imaginando “meu Deus, como vou voltar para casa, passar por ruas que são desertas, de repente acontece alguma coisa para mim. A vovó me viu a sair de casa, cercada de colegas, e de repente, cheguei sozinha. Se acontecer alguma coisa comigo no meio do caminho!” Aí eu entrei em pânico, sabe? Aí aconteceu de uma das minhas colegas passar em contato com o namorado dela. Já era bem na casa dos 20 anos, né! Então, ela disse “o que está acontecendo? Estás sozinha aqui? Tu vieste sozinha? Tua avó deixou, tu vieste sozinha?” Eu disse “não, eu vim com fulano, fulano, fulano.” “E cadê elas?” Eu disse, “eu não sei. Eu não sei para onde elas foram”. Na verdade, eu sabia, só que eu não ia entregar elas, né! Aí ela disse “e agora como tu vais voltar? Eu não vou voltar tão cedo; não sei o que elas estão fazendo”, mas na verdade ela também sabia. Eu disse “meu Deus! E agora me meti numa ferrada”. Aí ela disse “tu queres voltar para casa”? Eu disse “eu quero”. “Então vamos! Mas eu estou com meu namorado, a gente te deixa de lá”. Ela tinha trabalho, ela ia trocar de roupa na casa dela e voltar para o ensaio do festival, ensaio dos bois, ensaio das danças. Aí nós fomos, na época eu tinha uns 13, 14 anos. E o que aconteceu? Quando eu cheguei perto de uma praça na escola, perto de casa, ela disse “querida, tu ficas aqui, que eu vou descer nessa rua que dá acesso à minha casa e a gente te leva lá, na tua casa”. Nisso que eu fiquei, eu disse “mas com o que eu vou ficar”? Ela disse “você fica com ele”. E ele me propôs, sabe, coisas, as coisas mais horrendas para uma menina de 14 anos, praticamente uma criança, né! Aí não percebia muito o que ele falava, só que aquilo estava incomodando, que passava mil e umas coisas pela minha cabeça. Eu disse “meu Deus”, porque primeiro ele não era de Parintins, mas ele tinha ido para o festival literalmente para se divertir em todos os aspectos, entendes? Ele pensava que de repente ele pudesse acontecer isso comigo. Aí eu fiquei imaginando o que acontece com muitas dessas meninas, crianças que saem simplesmente para se divertir ou passear com os colegas, com toda a inocência e no meio do caminho acontecem essas situações. Eu fiquei super mal e de repente ela chegou. Só que ele não



teve a cara de pau, assim, de desculpa, entende? Percebendo que eu estava incomodada diante daquela situação, que era uma menina e falando aquelas baboseiras. E depois que ela chegou, ele agiu naturalmente. Ainda bem que ela chegou o mais rápido possível. Aí chegou em casa, ela me deixou. Eu lembro que, por mim, se a minha avó tivesse me dado uma surra, tanto faz, para mim talvez fosse até melhor do que eu tivesse passado por aquela situação. Então, assim, eu vejo que é algo muito desrespeitoso. Quer dizer que a mulher não pode sair, ela não pode se divertir, ela não pode. Ela tem determinados horários para sair, para se locomover numa cidade, para passear. Ela tem que ser literalmente à mercê de assédio. Tu compreendes? É algo que precisa ser mudado. E tu como homem o que tu falas diante disso? É algo bem delicado, né!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Princípa, 2006.

Recebido em: 13/11/2023

Aceito em: 14/01/2024